

Resenha

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A outra face da lua: escritos sobre o Japão.** Prefácio Junzo Kawada; tradução Rosa Freire d'Aguiar – 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Alzira Lobo Arruda Campos¹
Marília Gomes Ghizzi Godoy²

A obra reúne oito publicações do autor sobre o Japão entre 1979 e 2001. Tem como suporte as cinco viagens realizadas durante os anos 77-88 (aproximadamente 30 anos antes de sua morte em 03/11/2009). Finalizando o livro está transcrita a parte da entrevista do autor, referente à cultura e valores japoneses – para a televisão nacional do Japão (NHK).

Em toda obra o autor retrata sua identificação emocional com o Japão, originada pelo presente paterno que ganhou aos cinco anos, de pranchas (gravuras) japonesas. Esse compromisso não neutralizou uma constante estranheza, própria de quem dialoga com o estranho, com o distante.

Uma idéia central percorre as 118 páginas do livro: a identidade histórica, cultural, linguística e étnica do Japão construída milênios antes da civilização ocidental e a qual pode manter suas raízes antigas, em uma dimensão mítica e social. O seu caráter simétrico e de oposição à cultura ocidental sombreiam e dão direção e sentido aos escritos.

Digno de nota foram os contatos do autor com mestres e artistas japoneses, alguns dos quais integram-se ao seu convívio pessoal como é o caso do professor Junzo Kawada. Este surge tanto como o autor do prefácio sobre a obra, como conduz a entrevista da NHK. Surpreende-se ele pelo olhar inteligente da obra, ocasionalmente generosa em dar destaque à cultura japonesa (KAWADA, J., 2012, p.9). Ele também compartilha cinco das dez fotos impressas entre as páginas 64 e 65.

¹ Mestra e Doutora em História Social (USP) e Livre-docente em Metodologia da História (UNESP). Docente do Mestrado em Ciência Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA).

² Professora Mestre em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo (USP), Doutora em Psicologia Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Professora do Curso de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA).

No **primeiro** dos oito textos: *Lugar da cultura japonesa no mundo* (pp. 11-37) retrata-se a conferência proferida em Kyoto em 1988, durante a sessão inaugural do Centro Internacional de Pesquisa para os Estudos japoneses.

Inicia-se a obra pelas descrições, oposições e o espírito crítico que fazem sentido à cultura japonesa no mundo antepondo-se às experiências européias e mais especificadamente às francesas. A identidade étnica japonesa construiu-se entre vizinhos diversos originando-se um foco distintivo diante da alternância de empréstimos, de sínteses e de sincretismo.

A arte “Espírito Jomon” e *action painting* estão expressas na cerâmica. Os traços invariantes de uma estética (originalidade e técnica) formaram-se há cinco ou seis mil anos sendo eles comparados a uma *art nouveau*. Observa-se uma composição com movimentos extremos, justapondo-se os contrários, recriando-se a idéia de retorno; difere do Ocidente que substitui os partidos sem a idéia de retorno e com uma direção linear.

Ao coexistir mito e história, a conservação do espírito animista desperta-se na visão de mundo. “Reconhecendo uma essência espiritual a todos os seres do universo, ela une natureza e sobrenatureza, o mundo dos homens e o dos animais e das plantas, e até a matéria e a vida” (p. 25). Esta harmonia recria-se nos sons, “mais que um cartesianismo contextual, eu atribuiria ao Japão um cartesianismo sensível, ou estético” (p. 29).

Um ponto central da oposição incide na concepção de indivíduo e sujeito. Ela surge no discurso oriental irremediavelmente inadequada ao real. Na filosofia ocidental, o sujeito é centrífugo, enquanto na oriental ele é centrípeto. Este aboliu a perversão do *logos* ao se alinhar ao conhecimento científico. Finalizando, a conferência expressa que a cultura japonesa oferece ao Oriente o modelo de uma saúde social e ao Ocidente o de uma higiene mental.

O **segundo** texto escrito tem o título do livro *A face oculta da lua* (pp. 38-51). Trata-se do pronunciamento na sessão de encerramento do colóquio “Os estudos japoneses na França” (1979). Retratam-se as experiências do autor em sua primeira viagem (1977) quando percorreu de Tóquio a Osaka e Kyoto, às ilhas Oki, no mar do Japão.

Destaca-se em primeiro lugar o tema “trabalho” presente em suas pesquisas, em Paris. Mas, diferente do contexto materialista e tecnológico viu que nas regiões interiores do Japão o trabalho preserva os sentidos míticos onde vigora um valor poético comprometido entre a natureza e as estruturas familiares. São descritas páginas sobre a literatura, a música, as artes gráficas, a culinária. Os sentidos culturais estão entrelaçados, com diversas origens e compondo movimentos culturais expressivos de erudição. Estão

reforçados elementos de origem euro-siberianos, persas, chineses, coreanos e, mais tarde, ocidentais. As tendências merecem uma autorreflexão do povo, “olhar para si mesmos” na imagem que deles se pode realçar.

O **terceiro** texto, *A lebre branca de Inaba* (pp. 52-58), compreende notas sobre as versões americanas dessa história cujos textos foram integrados em um livro francês. Trata-se da discussão de temáticas míticas onde o autor interroga as semelhanças entre a lebre de Inaba, o Pássaro-Trovão, a Grua e o Crocodilo. As suas existências na América poderiam sugerir uma inicial origem na Ásia Continental, depois para o Japão tendo chegado posteriormente à América.

No **quarto** texto, *Heródoto no mar da China* (pp. 60-71) retrata-se a viagem feita em 1983 quando o autor esteve em Okinawa e nas ilhas vizinhas (Iheya, Izena, Kudaka). Compreende um trecho de “Poikilia Études offertes à Jean-Pierre Vernant (1987)”. Impressionou-se com o caráter cultural tradicional desses locais na ordenação das moradias, formando recintos específicos, jardinagens e divisões hierárquicas (masculinas e femininas). Um subitem específico trata dos ritos de iniciação das mulheres onde elas, quando idosas, poderão tornar-se sacerdotisas responsáveis pelo bem estar espiritual em oposição a seus irmãos que representam a autoridade secular; um culto humilde, simples, elas se destacam em pequenas cabanas, nas casas ou nos bosques. O relato “O grito do príncipe mudo” evoca semelhança com o episódio da vida de Cresos relatada por Heródoto, onde o sucessor impedido de assumir o trono por ser mudo, recupera a voz.

Sengai. A arte de se acomodar no mundo é o título da **quinta** apresentação (p. 72-82), compreende-se um artigo de uma revista francesa. De forma fascinante cria-se um diálogo com Sengai, um artista em sua trajetória zen budista; torna-se ele o sucessor de uma linhagem de 27 patriarcas do budismo contemplativo, os quais se sucederam na Índia no século VI; depois de mais de seis séculos, Sengai tornou-se zen no Norte de Kyushu (ramo Rinzai). A comunicação reúne oposições, emprega perguntas e enigmas postos em termos contraditórios (p. 78). A disciplina exclui o mestre “a não ser os gritos inarticulados, as interjeições desprovidas de sentido e as brutalidades: bastonadas ou socos, visando romper o equilíbrio psíquico do discípulo, mergulhá-lo num caos mental do qual, como que por um estado, brotará talvez a iluminação” (p. 77).

O **capítulo 6**, *Domesticar a estranheza* (pp. 83 – 86) compreende o prefácio da reedição de um livro sobre as diferenças de costumes publicado inicialmente em 1585, no Japão. Trata-se da análise da cultura japonesa sobre o seu caráter de desigualdades e de oposições as quais permitem entender semelhanças e diferenças a um só tempo, como

imagens simétricas de nós mesmos, domesticar a estranheza e torná-la familiar.

O **estudo 7**, *A Dança impudica de Ame no Uzume* (pp. 87–96), compreende o artigo de uma revista japonesa (de 2001). Trata-se da compreensão de divindades mitológicas tomando-se como referência um romance egípcio do Egito antigo (traduzido por volta de 1930), documento do segundo milênio antes da era cristã retratados por Heródoto e são considerados relatos de divindades japonesas. Destaca-se o caráter mitológico representado pela figura do macaco o qual desempenha um papel intermediário entre o mundo celeste e o terrestre, e atravessa dados das mitologias.

O **último registro**, *Uma Tóquio Desconhecida* (pp. 97 – 101) é o prefácio da última edição japonesa de *Tristes Trópicos* (2001). O autor descreve o trabalho de pesquisa relatado de suas experiências no Japão, seu vínculo com o prof. Yoshida Teigo e Junzo Kawada. Ressaltam-se as mesmas idéias sobre a identidade cultural japonesa salientando o contraste das cidades na costa litorânea e o interior montanhoso, desabitado. Uma modernização rápida sem perder suas raízes impõe-se formando os indivíduos, preservando uma alegria, boa vontade no seu viver. Uma continuidade é vivenciada e situa a tradição a qual se mantém nos seus tempos lendários, uma sensibilidade na contemporaneidade.

“Que possa este (povo japonês) manter por muito tempo esse precioso equilíbrio entre tradições do passado e inovações do presente; não só para seu bem próprio, pois a humanidade inteira encontra aqui um exemplo em que meditar” (p. 101).

Encerrando o livro é transcrita a segunda parte da entrevista concedida a Junzo Kawada, feita em Paris, para a NKH, televisão nacional do Japão, em 1993 (pp. 102-116). Junzo Kawada enaltece os temas japoneses e a obra de Lévi-Strauss em sua dimensão de acentuar traços marcantes da cultura tradicional. São expressivos os movimentos de arte como os pintores *ukiyo-e* os *namazu-e* (arte popular). Entre os focos de interesse destacou-se que há 15/20 mil anos o Japão fazia parte da Ásia Continental, a Insulíndia era ligada a Ásia Continental. Originou-se um cenário de mobilidade social, cultural e histórica. Ao contrário da América o Japão pobre em riquezas naturais é rico em humanidades que o unem a um passado receptor de trocas e valores culturais.